

Um clube exuberantemente democrático. Quando as coisas correm mal. Vale e Azevedo propõe aos sócios do Benfica uma SAD em que o clube é minoritário. Recordações de outras assembleias tão históricas como agitadas. A guerra das televisões e a guerra do balneário. Publicado em 10-03-2000.

A verdade nunca é pura e raramente é simples

Gostava de ver um homem como Pinto da Costa a chefiar os destinos do meu Benfica.

Adriano Afonso, ex-presidente da AG do Benfica, em «O Jogo»,
26 de Junho de 1998.

A democracia tem os seus engulhos. A democracia benfiquista, justo motivo de orgulho de gerações de prosélitos da nobre causa, exibiu desde sempre, e com exuberância, as suas particularidades. Em forma de erupções telúricas, nascem de uma relação directa com o sucesso ou com o insucesso da equipa de futebol e manifestam-se, regra geral, em assembleias de sócios que, melhor ou pior engravatados, fazem questão em não deixar morrer a herança popular formada pelas origens de classe dos fundadores e dos primeiros adeptos do clube. É, por tudo isto, muito mau sinal que as assembleias do Benfica se tenham transformado num espectáculo próximo do pugilato com transmissão directa assegurada em todas as estações de televisão.

No que respeita à história do clube não há, no entanto, novidade de maior. Os benfiquistas sempre foram de se pegar quando as coisas não correm bem. Em Novembro de 1953, depois de uma série de campeonatos perdidos para o Sporting, Paulino Gomes Júnior era o director do jornal oficial do clube e sentiu a necessidade de apelar à calma entre as hostes na véspera de uma assembleia geral decisiva para a construção do Estádio da Luz. «Benfiquistas que não sabem reagir nas horas más, tornando-as piores com insultos, vaias e até agressões, não são benfiquistas! Benfiquistas que tudo aproveitam para criar o mau entendimento entre os sócios não são cá precisos!». Bem pregava Gomes Júnior num pedagógico editorial que ninguém deve ter lido porque, de acordo com os relatos da época, a tal assembleia geral foi um faltar de gritaria e de agitar de braços.

A novidade é a dimensão atingida por estes espectáculos inimitáveis e que se deve, exclusivamente, à televisão. A próxima assembleia geral do Benfica tem todos os ingredientes para se transformar em mais um engulho democrático e num *reality show* de interesse nacional porque, sem vitórias nem campeonatos, João Vale e Azevedo vai propor aos sócios o modelo de uma Sociedade Anónima Desportiva em que o clube detém parte minoritária.

Não é nada simples o que está em discussão no Benfica. É, aliás, extraordinariamente complicado. É um momento-chave na vida do clube, como foi, há quase 25 anos, a decisão tomada sobre a liberdade a dar «à direcção para a aquisição de jogadores estrangeiros». Foram precisas três agitadíssimas assembleias gerais para se quebrar a mais amada e portuguesa das tradições do clube. Tantas quantas a constituição do Benfica em SAD já provocou, porque assembleia que vem aí é a terceira sobre o tema. A primeira aconteceu em 27 de Setembro de 1997 quando Manuel Damásio não conseguiu fazer aprovar o seu modelo de SAD perante uma plateia que

só o aplaudiu quando o então presidente do Benfica anunciou que não se recandidataria.

A 7 de Novembro de 1997, Vale e Azevedo, já eleito, viu aprovada pela assembleia o seu modelo de SAD e a caducidade de um artigo dos Estatutos do clube que lhe permitiria abrir ao exterior o capital da futura sociedade. Este modelo foi impugnado judicialmente por um grupo de sócios e não-sócios do clube e é este mesmo o assunto que irá ser agora discutido. Prevê-se uma sessão muito animada.

Como foram animadas as três assembleias «dos estrangeiros». Depois de uma derrota em Setúbal para o campeonato, era presidente Borges Coutinho, o sócio Jaime Catarino Duarte apresentou, a 12 de Outubro de 1976, em assembleia geral, uma proposta para acabar com a tradição de exclusividade de jogadores portugueses no Benfica. O burburinho foi imenso. O jornalista Cruz dos Santos escrevia nas páginas deste jornal sobre «os aspectos lamentáveis» de uma plateia «efervescente e nem sempre fácil de controlar», que chegou a insultar Borges Coutinho. Foi logo ali marcada uma assembleia para a discussão da proposta de Jaime Catarino Duarte que seria, esmagadoramente reprovada, a 29 de Outubro de 1976. Só dois anos mais tarde, o assunto voltaria à discussão. E, depois de o FC Porto ter posto fim ao seu jejum de dezanove anos, conquistando o campeonato de 1977/78, a 1 de Julho de 1978, reunidos em assembleia geral, os sócios do Benfica aprovaram finalmente o fim de uma tradição com 75 anos. Escreveu Cruz dos Santos sobre essa reunião histórica do Verão de 1978: «o desencontro de opiniões deu origem ao que pode tomar-se por espelho da falta de civismo do pobre país que somos, pois a decisão só foi tomada quase ao cabo de 8 horas de discussão de uma das assembleias mais deploráveis a que temos assistido, porque ninguém foi poupado quando usou do direito de dizer o que pensava sobre o assunto, tudo aquilo esteve largo tempo

transformado em pandemónio de tumultos, entre apupos, as-sobios e gritos em coro.»

No Pavilhão da Luz, as coisas não se passarão de modo muito diferente quando a SAD de Vale e Azevedo for ou não aprovada. Mas não é uma questão de tradição, mas sim uma questão de propriedade que está em jogo e é altamente duvidoso qualquer das partes que saia vencedora aceite com bom senso o inflamado veredicto popular. Uma coisa é certa: na semana em que vai ter um decisivo frente-a-frente com os sócios, Vale e Azevedo averbou as mais estrondosas vitórias políticas do seu conturbado mandato: a ruptura do União de Leiria com a RTP/Olivedesportos (como o Benfica fez) e o anúncio da entrada da TVI no capital da SAD do Sporting, colocam o presidente do Benfica no seu lugar justo, no epicentro da revolução. Talvez seja tarde para Vale e Azevedo mas é a verdade, pura e simples.

João Pinto, o balneário de 1993 e o balneário de 2000

No Verão de 1993, três jogadores do Benfica — Paulo Sousa, Pacheco e João Pinto — rasgaram os contratos que tinham com o Benfica e assinaram com o Sporting. A brutalidade do acontecimento paralisou o país e os «media» descobriram, nesse preciso momento, que, em termos de tiragens e de audiências, nenhum outro assunto se poderia comparar, em termos de benefícios e lucros, ao impacto causado pelas atribulações e prejuízos benfiquistas. Jorge de Brito, à época presidente do Benfica, conseguiu recuperar João Pinto, a quem melhorou substancialmente o contrato, mas não conseguiu mais recuperar a estabilidade e o respeito devidos a um presidente com um passado inquestionável no clube, eleito democraticamente por uma larga maioria e acochado internamente por uma furiosa clique ansiosa de poder.

Foi medonho o cerco a Jorge de Brito, insultado e provocado todos os dias, numa acção concertada de desgaste, que terminaria com a sua queda e a eleição de Manuel Damásio. Mas Brito demorou alguns meses a cair. Nesse início de campeonato de 1993/94, a carreira da equipa de futebol, comandada por Toni no campo e por Cunha Leal no balneário, seguia imparável. O Benfica ganhava jogos, liderava a prova com conforto, jogava bem.

A 11 de Novembro de 1993, em entrevista a «A Bola», João Pinto, «desviado» do Sporting no defeso anterior, então um jovem jogador a cumprir a sua segunda época no clube, explicava porque razão, apesar do turbilhão sobre o Benfica, a equipa cumpria com brilhantismo as suas obrigações.

— *O clube vive uma grave crise, da qual nada é escondido. Mas ela não entra no balneário, porque lhe fechámos a porta, com a certeza de que o Benfica depende, em boa parte, de nós, para além de que o seu mal será o nosso mal. Estamos mais preocupados em ganhar o campeonato do que em saber os desenvolvimentos da crise, tendo a noção de que ela poderá ser ultrapassada, justamente, com a nossa ajuda, com as nossas vitórias.*

Era assim que falava o jovem João Pinto, provando com as suas palavras a existência de um balneário de campeões na Luz. Veloso era, nessa altura, o «capitão» do Benfica e merece ser citado, porque só um grande «capitão» consegue impor um espírito de campeões numa cabina que se soube fechar às notícias de um mundo que queria, por força, derrubar o presidente Jorge de Brito.

Tudo isto vem a propósito da última entrevista de João Pinto. Depois de não ter sido titular na Amadora, o actual «capitão» dos «encarnados» falou na semana seguinte aos jornais e, sobre a actual crise benfiquista, disse:

— *Toda a gente lê jornais e vê televisão. Ninguém fica à margem e nós não fugimos à regra, mesmo que não o quei-*